

PQ
9697
A11C17

O CAPADOC IO

A

0
0
0
4
7
9
7
2
0
5



UC SOUTHERN REGIONAL LIBRARY FACILITY



THE LIBRARY
OF
THE UNIVERSITY
OF CALIFORNIA
LOS ANGELES

CAPADOCIO

Parodia burlesca da opera

O

TROVADOR

em 4 actos e 3 quadros

POR ***



RIO DE JANEIRO.

Typographia e Lithographia—POPULAR—
Azeredo Leite, 6 Rua Nova do Ouvidor 6

1872.

na P
-
erreira &
os Nov
Telef. N
D J

111017

Personagens

DA PARODIA

Fagundes, tenente de Urbanos
Juca Bem-Bem
Sinhá Miloca
Thereza, viuva d'um marinheiro
Ferrabraz
Zepha
Antonico
Irmã de Caridade

DA PEÇA

Conde Luna
Manrique
Leonor
Açucena
Ferrando
Ignez
Ruiz

Urbanos, povo, irmãs de caridade, bombeiros,
etc., etc.

E'pocha—Actualidade.

Acção no Rio de Janeiro.

ACTO PRIMEIRO

Uma rua. A' direita, segundo plano, uma casa de rotula e janella. Noite de luar.

SCENA PRIMEIRA

O SARGENTO FERRABRAZ, ALGUNS URBANOS E PAISANOS *conversam sentados na calçada.*

FERRABRAZ

A modos que vocês estão com somno? Já não dizem nada.... Se querem dormir podem recolher-se á Estação, eu cá fico esperando o Tenente. Coitado! vive só pensando na rapariga d'aquella casa, e quando póde, passa noites inteiras debaixo da janella. Irra, que rabicho!

UM URBANO

Não é só rabicho, *seu* Sargento, é tambem dôr de canellas.

FERRABRAZ

Sim, tambem; por que o tocador de violão não sáe da porta da pequena, e cá na minha opinião, ella dá a picholeta por elle.

UM URBANO

E' verdade, *seu* Sargento, em quanto estamos aqui conversando, não seria máo que Vmce. nos contasse a historia do irmão do Tenente.

FERRABRAZ

Pois vá lá, eu conto-lh'a.

UM PAISANO

Nós tambem podemos ouvir?

FERRABRAZ

Podem, pois não.

(Os urbanos e paisanos cercam-n'o)

Era uma vez um bom d'um fazendeiro
Fagundes de Badaró
Casado, gran palerma, com dinheiro
E com dois filhos só.
Era um homem feliz, por lá dizia
A gente da fazenda,
Mas por artes do diabo, um bello dia...

CORO

Cante, mas que se entenda.

FERRABRAZ

Vocês são diabos, não querem bonitos
Nas lendas terríveis dos tempos que vão
Preferem estylo, embora mais chato ?
Então lá vai obra. Calluda, atenção !
Tinha na fazenda mulata velhusca
Atroz feiticeira, fazendo invenções,
Fortuna a uns dava, curando a muitos,
A todos chupava, fidalgos tostões.
Dizem que de noite na hora tremenda
Mudada em morcego, corria aventuras...

CORO

Oh! basta sargento! oh! basta de pétas
Já 'stou em suores, já tenho tremuras.

FERRABRAZ

Ah! seus poltrões, o medo nunca entra
Em peito de militar !
Mas a cousa vai longa, 'stou com pressa,
E' preciso acabar.
A feiticeira em noite de tormenta
Quando o gallo cantou
Do bom velhote em forma de jumenta
O filho enfeitiçou !
Custou-lhe bem caro! no pão da fazenda
A brucha amarrou o bom do coronel,
E ao *tercio* dia, bateu ella a bota
Fazendo viagem sem levar farnel.
A filha jurou-lhe tirar a vingança,
O filho, coitado! ao velho roubou
Levou-o p'ro rio, furou-o na pança
O triste e mesquinho, depois affogou.

Eu vi a ossada já muito roida
Trazendo nas fósas, mortaes camarões.

CORO

Diabos te levem, oh! velha maldita
P'ros fundos infernos, com dez maldições !

FERRABRAZ

Pois é como lhes conto.

ALGUNS

E o pae ?

FERRABRAZ

O pae em poucos dias esticou a canella, mas, como alguma cousa lhe dizia que o filho existia, á hora da morte pediu ao nosso Tenente que não deixasse de procurar seu irmão. O Tenente tem procurado, eu tenho procurado, emfim, nós temos procurado e nada temos encontrado.

UM URBANO

E o que é feito d'ella ?

FERRABRAZ

Ah ! que se eu soubesse.... outro gallo nos cantaria.

UM PAYSANO

Tambem houveram gallos ?

FERRABRAZ

Qual o quê ! é um modo de fallar. Vocês parecem-me burros !

UM URBANO

Com sua licença, *seu* Sargento, é que não entendemos.

FERRABRAZ

Calculando o tempo decorrido, talvez ainda possa encontrar vestigios do crime e da criminosa.

UM URBANO

O' *seu* Sargento, não seria bom mandal-a para o inferno, onde está a mãe?

FERRABRAZ

Para o inferno! Todos dizem que ella anda penando neste mundo, como 'um lobishomem, e que apparece de noite transformada em bichos....

CÔRO

ALGUNS

Em cima da torre, por um já foi vista

OUTROS

Mõtada no gallo, bem perto da crista.

OUTROS

E dizem que muda por vez de figura
Os olhos luzindo, em noite bem escura.

FERRABRAZ

O pobre do Lucas, coitado morreu
E nunca em sagrado seu corpo jazeu,
Ainda conservo a triste lembrança
De ver o bregeiro mettido na dança.
Não pôde esquecel-o, a velha megera
E nas torres soando das dôze o signal,
Matou-o! coitado! bonito qu'elle era.

CÔRO

Oh! sejas maldita; mulata infernal!

UM URBANO

Ah! *seu* Sargento, que cousa tão feia! Ainda estou todo arripiado.

OUTRO

Tambem a cousa não é para menos.
(Ouve-se barulho fóra).

FERRABRAZ

Que historia é esta?
(Ouvem-se apitos e toque de fogo).

TODOS

Fogo! fogo!

FERRABRAZ

Vamos, rapazes, vamos ! Seremos contemplados nos elogios da imprensa.

(Saem todos correndo).

SCENA II.

MILOCA E ZEPHA

Ambas botando a cabeça fóra da janella, meio receiosas

MILOCA

Meu Deos ! que barulho será este ?

ZEPHA

Se minha ama quer, é melhor ir vêr lá fóra.

MILOCA

E não ha perigo ?

ZEPHA

Qual perigo, qual carapuça ! Quem *havera* de mexer *com nós* ?

(Fecham a janella e saem para a rua).

MILOCA

Não fazes idéa, Zepha, o medo com que estou de sahir assim tarde. Se a vizinhança me visse.... chi !... que fallatorio !

ZEPHA

Então, minha ama, o que ella *havera* de dizer ?

MILOCA

O que *havera* de dizer ? *Havera* de dizer que eu expunha a minha cãsta virtude aos ataques dos *Lavolaços*.

ZEPHA (*que não comprehendeo*)

Quem é esse senhor, que é capaz de atacar a nossa virtude ?

MILOCA

Ah ! esquecia-me que tu não conheces a historia.... ignorante ! (*Com extase :*) Oh ! lua ! oh ! estrellas formosas, luzentes e brilhantes, que adornaes o vasto manto azul, que se chama céu ! Allumiai mais uma vez o caminho áquelle que vem todas as noites cantar-me balladas sentidas e perfumadas, como faziam, em remotas eras, os cavalleiros de Carlos Magno ! Olha, Zepha, eu, por um bem entendido pudor, nunca te quiz fallar nestas cousas, mas hoje, o meu pobre coração *estrasborda*, e vejo-me obrigada a expandir os meus mais reconditos sentimentos no seio da veneranda e respeitavel amizade domestica. Tu, já amaste, não é verdade, Zepha ?

ZEPHA (*canta com sentimento comico*)

Calle-se, não diga nada,
Não me *arrecorde* o passado, etc.

MILOCA (*interrompendo-a*)

Basta, oh ! Zepha, não prosigas ! (*Com sentimento :*) Sempre, sempre esta visão fatal a perseguir-me ! Quando durmo, quando como, em toda a parte a sigo, a vejo, a adoro ! Como me entrou no coração este rabicho, que não posso arrancar, sem arrancar as entranhas... e a vida ? Se eu me fizesse freira.... encontraria no silencio do convento a paz do coração ? (*Mudando de tom :*) Qual, Zepha, não encontrava, não.

ZEPHA (*dramatica*)

Uma discipula do Collegio de Nossa Senhora do Parto, fallando como o pregador dos Barbadinhos ! oh !....

MILOCA

E queres vêr como entrou em minh'alma este amor, que me devora ? Escuta :

Corria a noite placida,
A lua n'um céu ameno,
Espelhava a face argentea
No mangue claro e sereno...
Ouvia miar bem perto,
Um gato no meu telhado:
Lembrei-me se já teria
O casamento tratado! .
Tudo era amor! poeial
Por toda a parte perfumes!
Em doce melancolia,
Invoquei os patrios numes !
E o céu ouviu meus votos,
As minhas preces d'amor!
Ouví modular, ao longe,
A canção do Trovador!..
Era elle meu sonho d'ouro,
O meu eterno ideal,
Estrella vinda a buscar-me
Neste immenso tremenda!

ZEPHA

Quanto acaba de dizer-me,
Ai faz tremer por si...

MILOCA

Embora.

ZEPHA

Tenho negros presentimentos,
Veja se este amor minera,
Tente esquecer....

MILOCA

Que dizes ! Bsta.

ZEPHA

Ceda aos conselhos da amizade
Ceda...

MILOCA

Oh! nunca! não cederia
Nem aos conselhos d'um frade!
Deste amor minh'alma é preza,
Não m'a liberta um momento!
Trago sempre o pensamento
Nos delirios da paixão!
Eu sonho amor e ventura!
Sonho prazer! alegria!
Trago immensa poesia.
Nas dobras do coração!

ZEPHA

Quem ama com esta força
Bem pôde limpar a mão!

MILOCA

Já vês que tenho razão em dizer-te que só vivo
por este amor.

ZEPHA

Pois sim, mas a noite está fria, e se apanha
alguma constipação, amanhã ha de cantar peor.

MILOCA

Vamos, vamos, esperarei em casa pelo meu Juca.
(*Entram*).

SCENA III.

TENENTE e depois o BOMBEIRO

TENENTE (*entra embuçado n'um capote de soldado*)

E' noite tudo dorme!

A rua em trevas jaz. Só ella ainda vélla

Porque vélla sosinha! Oh! Miloca!

Eu bem o vejo; a furto

Pela rotula se escôa o raio

Da nocturna candéa!

Ai! já minh'alma ancéa

Arde em fogo de amor! oh! vem, meu anjo.

Escuta oh! bella! 'scuta... p'ra mim supremo.

E' tal momento! (*Preludios de violão dentro*)

O meu rival! Eu tremo!

VOZ DE JUCA (*dentro*)

Trovador o que tens, porque sóffres,
Porque choras com tanta afflicção,
O teu pranto assaz me compunge
Trovador, ah! não chores mais não!

Se acaso a mulher que tu amas,
Te tratou com acerbo rigor,
Trovador, si por isso não chores,
Ai! não creias por Deos, em amor!

TENENTE (*fallando*)

E é um trovador de esquina o meu rival!

O BOMBEIRO (*Entra armado de esguicho, a mangueira perde-se nos bastidores, dirige-se ao tenente e inadvertidamente faz gestos de quem o esguicha*).

Avisado pelo rondante, acabo de chegar com todo o pessoal e as respectivas bombas, devendo vir em seguida as dos postos adjacentes. Mas, apesar de comparecermos promptamente, não sabemos onde é o fogo.

TENENTE

Vá para o diabo que o carregue! E' no fim da rua, á esquerda.

BOMBEIRO

Muito obrigado. (*Sde*).

TENENTE

E é um trovador de esquina o meu rival! (*Vendo abrir a porta da casa de Miloca* :) Ahi vem ella! Que o diabo não traga tambem o tal Juca, senão.... temos sarilho.

SCENA IV.

TENENTE e MILOCA

MILOCA (*correndo ao Tenente*)

Emfim, chegaste, anjo da minha vida!

TENENTE (a parte)

Comeu-me pelo outro!

MILOCA

Tardaste' hoje mais do que do costume. Contei os instantes pelas palpitações que me agitavam o seio. (Abraçando-o com phrenezi) Mas.... *Alfin ti guida pietoso amor tra queste braccia!*

VOZ DE JUCA

Apanhei-te, cavaquinho! (Entra).

SCENA V.

OS MESMOS E JUCA

MILOCA

Esta vóz!... a noute escura
Fez o erro em que cahi
Ouvi cantar-te, meu Juca
E julguei fallar-te a ti.
Por ti só minh'alma anceia
Só a ti ella está cheia!
Eu te amo, juro, eu te amo
De immenso e eterno amor.

TENENTE

Tu ousas?...

JUCA

Eu já não bramo!

TENENTE

Arrebento de furor!

Se não és covarde, falla...

MILOCA

Meu Deos!

TENENTE

Dize teu nome

MILOCA

Por piedade!

(a Juca)

JUCA

Oh! deixa-me!

(ao tenente)

Cosme Joaquim.

TENENTE

Tu! Cosme!

Preso irás para voluntario,
Assim vou expor-te a morte!
Nas dragonas do meu cargo
Trago presa a tua sorte!

JUCA

Que esperas? vae chama a guarda
Livras-te assim de um rival;
Ao xadrez irei contente
Lá se come.,

TENENTE

E passa mal.
Mas quero vingar-me em ti,
Hei de soccar-te! Anda vem!

MILOCA

Onde?

TENENTE

Na rua a esquerda
As bordas do manguê tem.

MILOCA

Idéa funesta!...

TENENTE

Segue-me

JUCA

Vamos.

MILOCA

Se os deixo, que farão?
Um grito pôde perdê-lo
Oh! se pôde! Escutem.

TENENTE

Não.

O fogo d'amor trahido
Sinto já arder no peito,
Não posso viver sem ella,
E ella sem o sujeito (*a Miloca*)
E nestes extremos casos
A prudencia traz conselho,
Emfim morrer por morrer,
Morra meu pae qu'ê mais velho.

MILOCA

Ambos ardem, coltadinhos!
Vão pegar-se! Eu quero ver,
E' capoeira o meu Juca
E por certo ha de vencer.
Pois nestes casos extremos
A prudencia traz conselho,
Emfim morrer por morrer
Morra meu pae qu'ê mais velho.

JUCA

O tenente quer festança

Quer um rôlo, então lá vai!
Não sabe com quem se mette
A' primeira o bicho cai!
Pois nestes casos extremos
A prudencia traz conselho,
E então morrer por morrer
Morra meu pae que è mais velho.

(Terminado o tercetto em que os rivaes estão furiosos. pegam-se a socco. O tenente leva uma rasteira e cae, cahindo por cima delle Juca. Miloca procura separal-os, embaraçalhe nas pernas e cae tambem. O tenente recorre ao apito e de dos os lados acodem urbanos e bombeiros armados de esishos. Tudo apita - Tableau).

Fim do primeiro acto.

ACTO SEGUNDO.

QUADRO PRIMEIRO

Casa da viuva. Uma sala rústica e toda ornada de emblemas xóticos, cabalísticos, manipaños, etc., etc. A esquerda do espectador uma forja, martellos e bigornas, e á direita uma caixa de pinho. A viuva está deitada á direita em um velho canapé, e Juca n'uma esteira perto della, cobrindo-se com um cobertor pardo. Varios homens e mulheres estão deitados perto da forja. E' noite, todos dormem e roncã. Surdina na orchestra. Ao pé de Juca está um banco velho de pinho, com uma bacia de folha de fundo para o ar, e em cima um despertador. No meio da surdina, toca o despertador.

SCENA I.

A VIUVA, JUCA, HOMENS e MULHERES

JUCA (*acorda espantado e faz calar o despertador*)

Ora sebo! Estava no melhor do gosto! Bem se diz que não ha nada perfeito nesta vida. Mas é preciso trabalhar para enriquecer depressa. Que magnifica idéa foi a do tal *nikles*! Com chumbo e estanho fabrica-se dous tostões... dous tostões! Um bond! O custo de uma senha para o Cassino, ás dez e meia da noite O caso é que já temos empurrado uma boa dóse. (*Ao publico*) Os senhores têm por ahi algumas das taes moedas? Cuidado, olhem que se largarem a casca são das nossas. Até já o Thesouro chuchou algumas, mas são muito bem feitas! Vejam lá, não nos compromettam... não vão agora denunciar-nos á policia... bastam os sustos que cá temos! ah, diabo! lá me esquecia de acordar a velha e os collegas. Boa gente! Ainda engolem o manipaño! Nem o exemplo do Juca Rosa lhes abriu o olho. Vamos, vamos á obra. (*Dirige-se á viuva, sacudindo-a*) O' mãesinha, deu meia-noite, é hora das invocações.

VIUVA (*bocejando*)

Ai! ai! muito custa a ganhar a vida honradamente!

(Juca vai á caixa de pinho e tira dous vistuarios completos feitos de cores multiplas e o mais estravagante que fôr possível. Ambós derigem-se para traz de uma cortina de chita que está passada de canto a canto e ali se vestem. Juca põe na cabeça uma grande cabelleira e uma cousa muito parecida com os chifres do veado, e a viuva, um enorme barrete bicudo como os dos antigos astrologos. Feito isto, sahem e cumprimentam o publico.)

VIUVA (*pegando n'um junco*)

Deixa-me acordar estes carneiros. (*Dirige-se aos homens*).

JUCA

Olhe lá, mãesinha, não bata com muita força.

VIUVA (*distribuido pancadas a torto e a direito*)

Acordem, malandros, vamos invocar o Deos do nikel.

(Os homens levantão-se e fazendo mesuras profundas, alinham-se de um e outro lado do altar erguido ao fundo. A viuva e Juca dirigem-se ao altar, acendem fogueiras de espirito de vinho, e principiam a fazer tregeitos e momices estravagantes, dansando os homens e mulheres durante este tempo, a dansa das flechas do Guarany, depois param).

JUCA

Vamos, rapazes, o Deos Guiripiminsirambá está satisfeito. Tratemos agora de encher as algibeiras. Fabriquemos nikel, muito nikel! Seremos assim mais justos do que o governo, que mandou fazer tão pouco para as publicas necessidades.

CÔRO

Vamos é tempo! trabalhemos, eia!
O nikel falso esperando está!
Trabalho é honra! traz a bolsa cheia,
Prazer, folia, nesta vida dá!
A' obra, á obra! mais *umasinha*
Mais uma só, e é cotadinha,
P'ra viuvinha

(*Repetido*).

VIUVA
CANÇÃO

Ruge a tormenta no escuro céu
Nem uma estrella! o terror é só
Murmura o echo soluço infundo...
Na terra negra só ha luto e dó!
Crepita a chamma! funeral clarão,
Espargem fachos pela amplidão!
Ruge a tormenta! ao poste infame
Está preso um anjo! porque não morri!
Rasgam-lhe as carnes, corré sangue a jorros!
E eu desgraçada! tudo isto vi!
Crepita a chamma! funeral clarão,
Espargem fachos pela amplidão.

UM HOMEM

Oh! tia Felicia, que diabo! você parece estar
hoje com as ditas... Põe-se-nos a cantar cousas
tão feias!

VIUVA

Ora não seja tolo! Isso diz-se a uma senhora da
minha *estripa*?

OUTRO HOMEM

Está quasi amanhecendo; é bom que não nos
vejam sahir d'aqui.

TODOS

Vamos, vamos. (*Repetição do côro.—Saem*).

SCENA II

A VIUVA E JUCA

JUCA

Agora, que estamos sós, conté-nos essa historia.

VIUVA

Pois bem, lá vai. Antes, porém, de começar a
lugubre narração, devo prevenir-te que vais ouvir
uma historia capaz de levantar em pé um defunto
morto! Era uma vez um fazendeiro de Marapicú,

rico e poderoso, grande influencia eleitoral, juiz de paz, vereador e commandante-superior da guarda nacional. Tinha a justiça nas mãos. Senhor de sete fazendas, e para mais de tres mil cabeças de gado vaccum, cavallum e porcum.

JUCA

E gallinhum, não tinha nenhum ?

VIUVA (*depois de pausa*)

Nem um. Era um potentado, ou como dizem os nossos modernos politicos, um Estado no Estado. Minha mãe, cria da fazenda, revia-se em mim, unico fructo de suas fecundas entranhas, e com a ajuda das suas economias, libertou-me na pia. Dizem por lá as más linguas que o fazendeiro não era extranho ao meu nascimento; mas eu, por decoro e dignidade propria, não quiz nunca indagar essas cousas. Como quer que seja, lembraram-se um dia de dizer que minha mãe tinha mandinga.

JUCA

Então era mandingueira?

VIUVA

Não; era feiticeira, e o fazendeiro mandou-a surrar uma noite, no meio do terreiro. Escuta.

Era bem negra a uoite, nenhuma vóz humana

Quebrava da soidão silencio sepulchral,

E comtigo em meus braços, seguia a caravana

Erguendo aos céos as mãos ao dobre funeral!

Em torno ao poste infame os negros se alinharam...

Mais uma idéa vil de um barbaro senhor!

E pobres mães e filhos, coitados, soluçaram

Vellando os negros rostos de sempiterno horror!

(*Fallando*) Tal surra foi a que levou a pobre da velha, que esticou a canella ao fim de tres dias. Mas, na hora da morte, encarregou-me de vingal...

JUCA

E Vmce. vingou-a ?

VIUVA

Furtei um filho do fazendeiro e levei-o para a borda do Parahyba. O pequeno gritava como uma canna rachada, e quando ia atiral-o ao rio, appareceu-me a alma do outro mundo de minha mãe, embrulhada n'um lençol!

JUCA (*interrompendo-a*)

N'um lençol?!

VIUVA

Sim, por amor da decencia, e gritou : Vinga-me ! Eu estremeci, arripiei-me e atirei o pequeno ao rio ! Quando abri os olhos, pasmei, estive para ter um *tremelique*... mas arrependi-me.

JUCA

A occasião não era propria.

VIUVA

Foi por isso mesmo... mas espantei-me, por que tinha atirado o meu filho ao rio !

JUCA

O seu?...

VIUVA (*emendando-se*)

Quero dizer, o do fazendeiro.

JUCA

O' mamãe, parece que você se engasgou, e que eu não sou seu filho ?

VIUVA

E de quem havias de sê-lo senão meu, filho das minhas entranhas ?

JUCA

E' que Vmce. diz as cousas meio arrevezadas, que a gente fica na duvida.

VIUVA

E sabes quem é o outro filho d'esse fazendeiro deshumano, e contra quem clamam vingança os manes de tua avó?

JUCA

Quem é?

VIUVA

E' o Tenente Fagundes.

JUCA (*horrorizado*)

Fagundes! o meu rival! "Oh! horror! horror! diz Shakspeare, na lingua de godame e gingibirra!., (*Naturalmente*) E como veio elle de Marapicú para cá ser Tenente?

VIUVA

O pae, depois do desapparecimento do filho, entregou-se á politica e ao jogo com unhas e dentes, para esquecer o golpe que acabava de soffrer, e, dentro em pouco, ficou reduzido á miseria e idiota. Fagundes, vendo-se sem eira nem beira, nem ramo de figueira, aproveitou a guerra do Paraguay, alistou-se como voluntario, e partio para o sul. Finda a guerra, veio para o Rio e pediu um emprego ao governo, que o nomeou Tenente de urbanos. (*Com sentimento*) E ainda me perguntarás se és meu filho?

JUCA

Eu bem sei quanto lhe devo...

VIUVA

E aquelle rôlo em que entraste n'outro dia?

JUCA (*com orgulho*)

Se me lembro neste dia

Era eu só mas que folia! um só contra mil

Não cedi o meu terreno!

Tremeo tudo á minha vóz ! o vil tehenle
Cerceu-se de bombeiros... é má gente f
Esguicha e molha tudo.

VIUVA

Que lembrança!

JUCA

Oh ! mãe eu sei lá, não s'tava de maré,
Aquillo é que foi rôlo !
Poucos assim hei de ver
D'onde um cae outro levanta
Muitos no chão a gemer
No meio da brincadeira
Fervia testa e rasteira!
Era um gosto ver morcegos
Surgir de todos os lados,
Dando as gambias indo a tempo
Deixei-os atrapaalhados!

VIUVA

Ficaste amanhadinho
Sim senhor! bem arranjado!
Com a cabeça partida
E o nariz esborrachado,
Uma costella perdida
E a cara ennegrecida.
Gastei um vidro de arnica
Em te curar as mazellas
Com seis de bazilição
P'ra te botar nas canellas.

SCENA III

OS MESMOS E ANTONICO

ANTONICO (*entrando a correr*)

Psio !... Irra ! já não sinto as pernas !

JUCA

O' Antonico, o que é isso ? temos novidade no
becco ?

ANTONICO (*baixo a Juca*)

Sim, grande novidade. A policia já teve noticia de que aqui era casa de dar fortuna e que se fabricava moeda falsa, e não tarda a vir cercal-a ; assim, raspa-te, por que tu não estás lá muito bem com a policia. Sovaste o Tenente, e tens um processo ás costas. Além de tudo isto, ha outra cousa : met-têrão na cabeça de Miloca que tu estavas morto e enterrado. Ella desmaiou com a noticia, e quiz por força ser Irmã de Caridade, e consta que partio ha tres dias para o Collegio das Lorangeiras, devendo hoje fazer os votos; se não corres...—“ Corre, filho, corre, que se não corres, arriskas-te a não achar a quem soccorres., Anda, avia-te.

VIUVA (*estremccendo*)

O que estarão elles a cochichar ?

JUCA

Corre, vai buscar um tilbury....

ANTONICO

Vou voando.

VIUVA

O que é, Juca ?

JUCA

Não percas tempo... espera-me com o tilbury na esquina, (*Antonico sde*).

VIUVA

Mas que diabo de embrulhada é esta ?

JUCA (*com extasi*)

Perdê-la ! Aquelle anjo ! Irmã de Caridade ! Vêr aquella linda carinha mettida n'um canudo de papel branco ! Oh ! antes a morte !

VIUVA

De que canudo fallas tu, Juca ?

JUCA (*agarrando no chapéo*)
Deste, mamãe! deste! (*Quer sahir*).

VIUVA

Espera, escuta!

Vaes sahir e só me deixas
Vaes correr mais aventuras
Não estás inda curado
E queres fazer loucuras?
Vae ingrato, assim tu zombas
Deste meu immenso amor
Ficarei eu só neste ermo
E em face da minha dor.

JUCA

Perdôa mãe se te deixo
O dever me chama além,
Estou preso pelo queixo
Amo ainda mais alguém,
Amo! oh! mãe! se tu souberas
Com que infindo intenso amor
Nem um momento quizeras
Suspender o meu ardor!

(Sae correndo depois de lutar com a Viuva que cae no canapé soltando um gemido que parece um ronco).

Fim do primeiro quadro.

Quadro II

Uma rua deserta. A' esquerda vê-se a grade de ferro de uma fchacara que fica dentro. É' noite.

SCENA I.

O TENENTE, FERRABRAZ, e alguns URBANOS
(*vêm do fundo cautelosamente, embuçados em capotes*).

TENENTE

A rua está deserta.... propicia se mostra a minha estrella! Oh! Miloca! Miloca! vê a que perigos me expõe o amor que te consagro!

FERRABRAZ

Mas, Tenente, o senhor não reflecte que este rapto póde compromettê-lo seriamente, bem como a nós todos? Disse ao Chefe que vinha a uma diligencia importante neste lugar, e se elle apparece por ahi, estamos arranjadinhos!

TENENTE

Sejam quaes forem as consequencias, arrostto-as todas. Sou capaz neste momento de brigar com o céo e com o inferno, se elles vierem metter-se entre mim e ella. Consta-me que o meu rival morreu; desapareceu, portanto, o maior obstaculo. Tiro d'aqui Miloca, por força ou por geito, e amanhã obrigar-me-hão a casar com ella. Casar-me! Ser o esposo de Miloca! Oh! isto me transporta! me enlouquece!

FERRABRAZ

Ah! Sr. Tenente! Sr. Tenente! O senhor está se mettendo em camisa de onze varas.... Eu por mim já sinto cólicas horriveis!

TENENTE

Embora ! perca-se tudo,
Por este amor que me abrasa ;
Darei honras, gloria e vida,
Para ter Miloca em casa !
O amor ! o amor é um dardo !
Se ter arrufos é triste,
Fazer pazes quão bem sabe !

CÔRO

(Durante o qual os Urbanos e Ferrabraz vão esconder-se).

Ouvir, ouvir e ser surdo,
Haja o que houver,
Ouvir, ouvir em silencio,
E' a senha do mister !

TENENTE

Para mim hora fatal !
Tua vinda se approxima !
Mas a lembrança m'anima
Do anjo que vou roubar !
Agora nenhum rival
Ousará fazer-me frente !
Nem um Deos omnipotente
Nos poderá separar !

(Vae tambem esconder-se).

CÔRO *(interno de Irmãs de Caridade).*

Oh ! filha d'Eva esquece,
O mundo d'onde fugiste !
D'ora avante não existe,
E' um mytho, nada mais !
Aqui ha soluço e prece,
Pela alma de teus paes !
Esquece a mundana vida,
Os sonhos d'amor passados,
Os juramentos trocados,
Em noites d'almo luar !
Aqui se morre esquecida,
Morre-se aqui a rezar .

SCENA II

MILOCA, algumas IRMAS DE CHARIDADE, ZEPHA, depois o TENENTE, FERRABRAZ, URBANOS e finalmente JUCA.

MILOCA

Vão-se, enfim, cumprir os mais sagrados votos do meu coração. Já que não pude unir-me áquelle, que era toda a minha aspiração neste mundo, quero ao menos ser util a alguém. Quero alliviar a humanidade soffredora, applicando-lhe cataplasmas, bichas, basilicão e....

ZEPHA (*fazendo gestos*)

E tudó isto com a ajuda de Deos!

1ª IRMÃ DE CHARIDADE

Não sintas, irmã, deixar as galas e as pompas do mundo pela humilde enxerga das servas de Deos. Alliviar a humanidade é a nossa divisa. Digam, por nós, esses milhares de infelizes que nos têm expirado nas mãos; digam os hospitaes, as casas de saude, as ambulancias, e a educação moral e physica que derramamos por toda a parte. Sem nós, o carro do progresso teria desencarrilhado; sem nós ainda, os costumes estariam pervertidos, a sociedade desorganizada, tudo sahiria fóra dos seus eixos, e estaria perto, muito perto o fim do mundo. Sim! e tres vezes sim!!! Nós, porém, irmã, com o valiosissimo auxilio dos nossos irmãos em S. Lazaro, sustemos, qual outro Archimedes, a alavanca universal, e nunca, nunca desencarrilhamos no caminho da virtude e do dever social!
—Disse.

« Oh ! limpa-me esta lagrima fervente
(Zepha limpa a lagrima—d' Irmã)
Perdôa irmã se te arreganho o dente
São isto os pingos deste cosimento,
Que faz no bul do peito o sentimento...
Ainda havemos de ser muito felizes. »

ZEPHA (*chorando*)

« Sinto frio na ponta dos narizes. »

1ª IRMÃ

Vamos, filha, vamos, são horas, o nosso piedoso
frei Fidelis Macarroni espera-nos para pronunciar-
des os votos solemnes. (*Ouve-se orgão dentro*).

MILOCA (*chorando*)

Adeos, Juca! adeos! Ainda na hora extrema
faço-te e dedico-te estes versos. Lá na mansão dos
justos, onde repousas, recebe-os com especial
agrado :

« Alma minha gentil que te partiste,
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste. »

ZEPHA (*a parte*)

Isso agora não é della isto é roubado! (*Vão a sa-
hir, quando apparece o Tenente*).

TENENTE (*impetuosamente*)

Inda bem, que não está tudo acabado !

1ª IRMA (*espantada*)

Que é isto, meu Deus! a policia nesta casa ?

TENENTE

Admira-se, não ? Eu bem sei que aqui não ha
policia, mas hoje ha de cheirar a homem, e esta
senhora, ou por vontade ou por força, ha de se-
guir-me.

MILOÇA (*tragica*)

Nunca !

TENENTE (*o mesmo*)

Ah! respingas! Pensas que ainda tens o Juca para te guardar as costas e quebrar-me as ventas? Enganas-te! Juca a esta hora é cadaver.... cada-ver.... ouvio, D. Miloca? Quem será agora capaz de arrancar-a de meus braços?

JUCA (*apparecendo e mettendo-se entre os dous*)

Trunfo é copas! quem matou o cão foi o baêta!

TODOS (*espantados*)

Oh!

JUCA (*avançando*)

Uh!

TENENTE

Ainda vives, desgraçado?

JUCA

Vivo, e a minha sombra vingadora encontrará sempre de permeio nos teus negros projectos!

TENENTE (*declamando*)

Oh! furias! oh! raiva! oh! vingança!

A espada vod metter-te nessa pança!

JUCA (*o mesmo*)

Isso agora, seu tenente vamos ver,
Quem garrafas tem vazias p'ra vender.

MILOCA (*abraçando-se com Juca*).

(*Canta*)

Acaso illusão não é
Isto que acabo de ver?
O meu Juca ainda vive
Inda me torna apparecer
Vou ter já um fanequito
Vou soffrer um accidente
Já sinto dôr neste dente
Venha alguém se não eu grito.

Inda vive este malandro
O meu pesadello eterno !
Parece não ter entrada
Nem no céu nem no inferno!
Sim senhor, está bonito !
'Stou outra vez arranjado,
Mas embora esartejado
Vou leval-a ao infinito

JUCA

Inda bem que chego a tempo
Senhor tenente Badaró ;
Nem me ha de roubar Miloca,
Nem dançar na festa só.
Havia de ser bonito
Agora sem mais aquella
Vir roubar a minha ella
E fazer de mim palito.

IRMÃS DE CARIDADE (Côro).

Esta escapou de ser freira
Perdoae-lhe senhor bemdito.

URBANOS

Deu em droga a brincadeira
Trabaihe agora o apito.

JUCA *(falla)*.

Chega, minha gente.

(Entram Antonioo e companheiros. Entram tambem do outro lado os urbános. Grande rolo de capoeiras, cabeçadas, rasteiras, espadas desembainhadas, apitos e os cães das chacaras a latirem. Juca deixa-os no rolo, e safa-se com Miloca. A orchestra toca durante o rolo, fortemente o final da Batalha de Almoester.

Fim do 2º acto e 2º quadro

ACTO TERCEIRO

QUADRO I,

Um campo. A' direita a casa da Estação de urbanos, um guarda faz sentinella á porta. Ao fundo vê-se o matto. Ao lado da casa um banco comprido. Alguns urbanos sentados e outros por ahi.

SCENA I.

CÔRO

Que calor! a noite abrasa
Viração não ha se quer,
Estamos ardendo em fogo
E sem termos que beber.
(Passa ao fundo um preto gritando sorvetes).

ALGUNS

Um preto de sorveteira.

OUTROS

Meia pataca! quem quer?

UM CORISTA

Meus valentes soldados! a nova vos transmitto
Da parte do tenente
Formando toda a gente
Que o assalto vai dar.
O quilombo é tremendo! tem peças de calibre!
Lá podemos ficar todos.

TODOS

Do que Deos nos livre!
Nesta vida d'urbano nem rosas,
Póde sempre um coitado colher
Tem espinhos e espinhos atrozés
Que deveras nos fazem soffrer
E' d'um lado filar um gatuno
E' do outro um quilombo atacar
E não sendo inda isto bastante
Os incendios tem de ir a visar.
(Findo côro disperam).

SCENA II

TENENTE (*sahindo da estação pensativo*)

Em que céo, em que bárathro cahiste, minha Miloca adorada ! Tu, formosa entre as formosas, mulher archanjo, que prendeste o meu coração ás tranças dos teus cabellos, dá-me, dá-me uma hora de amor e de ventura.... deixa-me libar um momento em teus labios a taça do amor correspondido: E eu morrerei feliz, abençoando a hora em que te conheci, mulher.... mulher.... (*furioso*) Oh ! e no entanto, neste momento, está ella nos braços do meu rival !... um tocador de violão !... um trovador de esquina.... um vagabundo !... Oh ! raiva ! oh ! ciume !... Pudesse um só xadrez contêl-os todos, e o carcereiro fôsse eu ! Triumpho eterno ! (*Ouvem-se passos*).

Quem se atreve a interromper as minhas meditações ?

FERRABRAZ

Eu, Ferrabraz....

TENENTE (*continuando*)

De Alexandria....

SCENA III

FERRABRAZ e TENENTE

FERRABRAZ

A dizer a V. S. que appareceu cá pelas immedições uma sujeita de má cara, e pelos modos meia *toucada* ; não respondendo direito ás perguntas que lhe fizemos, achamos melhor trazêl-a aqui. (*Vozes fóra.*) Ella ahi vem.

SCENA IV

Os mesmos VIUVA e URBANO

(Durante a entrada da Viuva e urbanos a orchestra toca o sonhido. Os urbanos entram, fazem a volta do palco, e ao passarem em frente do tenente, param).

TENENTE .

Alto frente, perfilar! (*A musica continúa em surdina a morrer.—A' viuva*) Vem cá, velha, como te chamas ?

VIUVA

Felicia Pureza do Amor Divino.

TENENTE

O que andas fazendo por aqui ?

VIUVA

Tomando ar na tromba. . .

FERRABRAZ (*a parte*)

Na tromba ! Que suspeita ! Se fôsse !...

TENENTE

Mais respeitinho á policia, se me faz favor. Olhe que comigo ninguem brinca.

VIUVA

Oh ! *sôr* Tenente, Vmce. tem cara de bom homem. O senhor não se chama Manoel de Souza ?

TENENTE

Silencio ! Reponde, onde nasceste ?

VIUVA

Em Marapicú.

FERRABRAZ (*a parte*)

Marapicú ! Que suspeita !

TENENTE

De quem és filha ?

VIUVA

De minha mãe.

FERRABRAZ (*a parte*)

De sua mãe! Que suspeita!

TENENTE

Não te pergunto isso. Como se chamava teu pae?

VIUVA (*chorosa*)

O meu assento de baptismo diz que sou filha de pae anonymo.

FERRABRAZ (*a parte*)

Anonymo! é ella!

TENENTE

Coitadinha, não tem pae!

VIUVA (*canta*)

Sou viuva de um meirinho
Ganho a vida honradamente,
Não entendo que a policia
Prenda assim a toda gente,
E' um grnde desaforo
E falta ás leis do decoro,
Ando em busca do meu filho
Que me deixou a tres dias
Não está inda curado
E já cuida em mais folias.

FERRABRAZ

E não o vio?

TENENTE

Pobre velha!

Tem corrido tudo então?

VIUVA

Tenho sim.

TENENTE

E' triste cousa
Não ter sempre o filho a mão.
E' como eu, ando em busca
De um certo Juca Bem-Bem.

VIUVA

Como dizes? E'...

TENENTE

Um Juca

Capoeira...

VIUVA

Ah!

FERRABRAZ

Sim!

TENENTE

Que tem?

(A musica estaca)

VIUVA

Não é nada, uma dôr de dente.

FERRABRAZ

Posso dizer como o poeta: Estás filada por mim, mulher da Hollanda, p'ra soffrer o castigo que a lei manda. O Sr. Tenente, esta sujeitinha é filha da velha Pureza, que foi surrada na fazenda.

TENENTE

Acaso será possível tal ventura?

VIUVA

E' falso! Deixem-me, deixem-me ir procurar o meu filho, o meu Juca, o meu bem!

TENENTE

Ainda mais! mãe do Juca! (Os urbanos cercam a viuva).

VIUVA (Canta)

Prender-me sem ter razão,
E depois da nova lei,
Era crime de mão cortada,
No tempo do senhor rei!
Mas hoje não tem logar
A justiça nesta terra,
E até um homem s'enterra
Sem ter tempo de fallar!

TENENTE

Apanhei-te mãe do Juca!
Tenho nas mãos um refem
E não temo agora tanto
O meu amigo Bem-Bem!
Já agora posso lutar
Tenho a lei a meu favor
E logo ao som do tambor
Vou o quilombo cercar.

CÔRO

O tenente deu em cheio!
Que patusco não vai mal!
A velha do nosso lado
Torna a partida igual.
Assim podemos brincar!
Manda-se a brucha na frente,
Atraz della vai a gente...
E deixal-os atirar!
(Entram todos na Estação).

Fim do 1º quadro

Quadro II.

Uma clareira no meio do matto. Ao levantar o panno do F., apparece MILOCA e JUCA, diversos homens e mulheres formam roda em torno de uma fogueira, sentados sobre os calcanhares a moda de Minas, e passam de mão em mão um copo de aguardente.

SCENA I

JUCA (*aos homens*)

Vamos, rapaziada, hoje é dia de pagode. A vespera do meu casamento deve ser celebrada com grossa bebedeira. Vocês, que têm sido os meus companheiros fieis de trabalho, bebam, bebam até cahir. Sapateai, rapazes, sapateai!

TODOS

Viva Juca ! viva !

(Os homens cantam ao desafio, acompanhando-se na viola um verdadeiro cateretê. Durante a dança, Juca e Miloca conservam-se defronte um do outro sentados em dous troncos de arvore, em verdadeira pasmaceira; á medida que o cateretê vae morrendo, elles vão se levantando insensivelmente, tomam a mão um do outro e com oar mais palerma possível, cante Juca:

JUCA

Amor sublime amor
Nesta alma eu sinto o teu ardor,
Vão emfim cumprir-se os votos
Da minha vida inteira
Vou tomar-te para esposa,
Vas tu ser minha caseira.
Selaremos com déz filhos
O amor que nos unio.
Dirá toda a visinhança
Coisa assim nunca se vio !
Seremos Paulo e Virginia
Ou Julietta e Romeo
Teremos filhos bem gordos
Morrendo vamos pr'a o céo.

MILOCA

Que quadro de felicidade domestica acabas de

mostrar-me, oh. Juca da minh'alma! O meu coração materno delicia-se ante a pintura que acabas de fazer-me, e parece-me estar já ouvindo nossos filhos, com voz infantil e suave, gritar:—Mamãe, eu quero um vintem! ah! ser mãe! ser mãe!

(Durante a aria os homens e mulheres que estão em scena, rodeiam Miloca e Juca e põem-se de cocaras olhando apalermados para elles. Quando entra Antonico, assustam-se e cahem todos sentados).

JUCA' (*canta=Madre infelice, etc.*)

Já 'stou sentindo uns arrêpios
Correr-me a espinha sêm m'agradar
E se não fôra dona Miloca
Agora mesmo punha-me a andar.
Mas que remedio, coração largo
Mais esta bucha é mister soffrer
Corro a salvar-te *madre infelice*
Ou em teus braços hei de morrer.

MILOCA

Perca-se embora nossa ventura
Salva a velhota, salva a mulher.

SCENA II

OS MESMOS e ANTONICO

ANTONICO (*entra correndo*)

O' Juca! Juca! temol-a travada! A policia deu comnosco, e ali vem o Tenente Fagundes, terror da Marambaia, cercar-nos com uma estolta. Nem aqui neste quilombo, para onde viemos fugidos, depois do rôlo das Larangeiras, podemos escapar ás furias do Tenente.

JUCA

Resistiremos até á ultima Homens como nós, não rendem, morrem! Perca-se tudo, mas salve-se a honra!

HOMENS

Antes a morte que tal sorte.

MILOCA (*com emphase*)

Já me sinto mãe dos Gracchos !

ANTONICO

Mas se fôsse só isso.... Trazem amarrada, e á frente, a nossa pobre Felicia !

JUCA

Quem ?

ANTONICO

Tua mãe !

JUCA

Minha mãe ! oh !

MILOCA

Sua mãe ! oh !

JUCA

E eu que sou seu filho, não hei de correr a salvar-a ? Isto não póde ficar assim !

JÁ 'stou sentindo uns arrepios
Correr-me a espinha sem m'agradar,
E se não fôra dona Miloca
Agora mesmo punha-me a andar,
Mas que remedio, coração largo
Mais esta bucha convem soffrer
Corro a salvar-te *madre infelice*
Ou em teos braços hei de morrer.

MILOCA

Perca-se embora nossa ventura
Salva a velhola, salva a mulher.

CÔRO

A's armas, ás armas, chegou a hora
Toca a deffeza, toca a vencer.

(De toda parte sáhem homens armados com peças de artilharia debaixo do braço, outros com espingardas de criança e lançasidem. Durante o coro, Miloca tem um formidavel ataque sterico, acompanhado de gritos, etc., etc. E' segura por duas negras de trunfa.

Fim do 3º acto.

ACTO QUARTO

QUADRO I

Uma rua deserta com a Estação de Urbanos ao F., devendo ficar á vista do espectador uma janella com grades e a porta lateral da Estação. Noite escurissima.

SCENA I.

ANTONICO e MILOCA

MILOCA (*Entra lendo o Diario de Noticias e Antonico acompanha a leitura por cima do hombro della:*
Lendo:

“ Uma importante captura acaba de ser feita hontem pelo mui sympathico Tenente Fagundes de Badaró. Um vagabundo abjecto, um desses que têm infestado a cidade com as suas correrias, foi preso hontem n’um quilombo com trezentos e sete companheiros. Apesar do perigo imminente, o prestimoso cidadão-policia affrontou denodadamente as balas e assaltou o quilombo, defendido até por tres peças de artilharia de grosso calibre, montadas sobre carretas humanas. Achão-se todos recolhidos á 57ª estação, e com vista á autoridade competente. Honra, pois, ao distincto militar e nosso amigo o Sr. Fagundes, que não trepidou em expôr a sua vida em prol da sociedade fluminense. „

ANTONICO

E ha jornaes que publiquem calumnias desta ordem? O Juca vagabundo! Se não fôsse terem negado o fogo todas as peças, eu queria ver quem lá entrava!

MILOCA

E’ verdade, Antonico, é verdade. Mas o que lhe havemos de fazer? A sorte imiga conjurou-se

contra nós. Qual outra Leonor, vejo-me arrancada dos braços do meu Maurico, ao transpôr o templo da felicidade.

ANTONICO

Emfim, lamurias não enchem barriga. O que nós precisamos é ver se o pomos d'aqui para fóra.!

MILOCA

Toda a noite levei a pensar nisso, e só lhe acho um furo.... é procurar commover o Tenente. Pedir-lhe de joelhos, de mãos erguidas, como Ignez de Castro ao cruel Pacheco, a liberdade do meu Juca.

ANTONICO

Arranje-se lá como quizer. Eu é que não estou para me encontrar com elle. Fique você, falle-lhe, conte-lhe a sua historia, cante-lh'a até se lhe parecer, mas eu raspo-me, por que não gosto do chilindró. Adeos, seja feliz, e boa noite.

MILOCA (só)

Oh ! auras todas de amor
Eternas harmonias
Enchei-me a vóz e gestos
De infindas melodias,
Quero o tenente render
A's minhas tranças prender,
Fazel-o dar ao Juca
Inteira liberdade
Tomando só em troca
O cheiro da amizade.

CÔRO (*interno*)

Padre nosso que estás no céu, escuta,
Singella prece d'um misero urbano;
Sem descanso trabalhamos. e em troca
O soldo não nos dão ha quazi um anno.!

MILOCA

Que susto eu raspei ! ainda estremeço!
Gelou-se-me o sangue de insolito horror
Fraqueiam-mê as pernas, apenas respiro
Palpita-me o seio de sacro terror.

JUCA (*Modinha*)

Virgem santa e meiga a quem eu amo
Mais do que se ama a patria vida e céos
Deixa que em teu collo deite a fronte
Dormir e sonhar com amores teos.

MILOCA

O pobre do Juca descanta os amores
Felizes, ditosos, que não voltam mais,
Saudades só restam, só restam as dôres
As penas, ruspiros, tristezas e ais!

JUCA (*Modinha*)

Assim quero dormir tranquillo somno,
Fallar contigo, e de ti fallar sonhando,
As tuas mãos unidas sempre ás minhas
Um beijo teu, um beijo teu de quando em quando.

MILOCA

Que talento tem meu Juca
Que sublime inspiração
Vir cantar no miserère
Da virgem santa a canção!
E posso deixar um homem
D'um talento sem rival!
Capaz de ser inda um dia
Redactor de algum jornal!

SCENA II

MILOCA e JUCA

JUCA (*apparecendo na janella*)

Miloca! oh! Miloca! meu bem, meu tudo!
Vem cá! Não te esqueceste ainda d'aquelle que te
ama mais do que a vida, e que tantas vezes te tem
cantado?

MILOCA (*aproxima-se da janella*)

E como havia de esquecer-te, meu adorado Juca?
Por ti, expuz a minha vida aos ataques da maledi-
cencia.... por ti, tenho arrostado as iras desse he-
diondo Tenente.... por ti, finalmente, deixei os
lares paternos para correr o mundo, qual outro
Judeu Errante, em busca do impossivel!

JUCA

E eu nunca hei de esquecer-o, minha Julieta bem amada! Se algum dia sahir d'aqui, hei de viver a teus pés, sobre o teu regaço, como o *totó* da mulher do Conselheiro.

MILOCA

E porque não has de sahir? Já hontem estive combinando um plano, e foi bom encontrar-te para ver se o approvas.

JUCA

Desembucha.

MILOCA

E' este: fallar ao Ténente, pedir-lhe por tudo que te mande soltar, fallar-lhe mesmo no amor que elle me tem...

JUCA (*interrompendo-a*)

Mas tudo isso sem metaphoras, do contrario temos grande rôlo.

MILOCA

A minha honestidade está á prova de bomba!

JUCA

Fizeste bem em te encourçar; mas olha que hoje é muito difficil resistir aos navios de esporão!

MILOCA

Silencio, ahi vem gente.

JUCA

Ha de ser elle... ataca-o, mas cuidadinho! nada de escorregar em alguma casca de banana.

MILOCA

Acho bom não escorregar por ser decente.

JUCA

Vai, vai fallar ao Tenente. (*Desapparece*).

SCENA III

MILOCA, TENENTE e UM URBANO.

TENENTE (*entrando acompanhado de um urbano*)

Diga lá dentro que ponham os presos a ferros, e se algum gritar, zás, trás! Façam como de costume, pranchadas nelles; recomendo especialmente o Juca Bem-Bem. *O urbano inclina-se e sáe*). Com esta ordem, bem sei que exorbito das minhas attribuições, mas estou com o Juca atravessado aqui. Quando tomámos o quilombo, procurei Miloca por toda a parte, nada! foi impossivel encontral-a. Para onde iria? Como se sumio? Mysterio! Já puz a policia em actividade, sempre nada! (*Gritando*) Ah! Miloca, onde estás tu?

MILOCA (*apparecendo*)

Aqui.

TENENTE

V. Ex. aqui!?

MILOCA

Eu mesma, que venho procural-o é pedir-lhe para pôr o Juca em liberdade.

TENENTE

E depois de tudo quanto tenho soffrido, apparece-me a senhora, á meia-noite, a pedir-me que solte o Juca?!

MILOCA

O senhor é bom... tem um coração sensivel... ha de ceder... Agua molle em pedra dura, tanto bate até que fura.

TENENTE

Está enganada, a mim não me fura! Não faltava mais nada! ter o pássaro na mão e deixal-o voar.

MILOCA

Se é necessario, se o quer, se o exige... é de

joelhos, com as mãos erguidas, pela alma de sua bisavó, que eu lhe peço a liberdade do Juca.

TENENTE

Nunca! E se fôsse possível dar-lhe mil vidas, dava-lh'as, para lhe tirar uma cada dia!

MILOCA

Perdôa, vé este pranto
Esta dôr que me devora,
Pelo amor que por mim sentes
Vae mandar o Juca embora!
Perdôa ah! sé clemente,
Perdôa o Juca Bem-Bem.

TENENTE

Perdoar-lhe! ora essa agora
Tinha que ver, pois não!
Vou por-lhe um processo ás costas
E mettêl-o na correccção.
A mãe do tal vagabundo
Hei de aautoal-a tambem.

MILOCA

Perdão!

TENENTE (*escarnecendo*)

Espera!

MILOCA

Perdôa!

TENENTE

E assim sem mais nem mais
Sim senhor, a idéa é boa...

MILOCA

Tem compaixão dos meus ais!
Eu te offereço...

TENENTE

Dize, o que?

Dás me em troca...

MILOCA (*dando-lhe a mão*)

Meu amor!

TENENTE

Oh! céos tu dizes?...

MILOCA

Cumprirei
Esta promessa com dôr.

TENENTE
Acaso sonho ?

MILOCA

Estando
O Juca em parte escura,
Livre, livre e sem processo,
Serei tua, sim...

TENENTE
Mas jura...

MILOCA

Eu juro pelo badalo
Do sino grande e...

TENENTE (*Chamando para dentro*)
Olá !

MILOCA (*Que enquanto o tenente falla ao ouvido de
um urbano, tira uma banana do bolso descasca e come*)
Vou comer esta banana
E morrerrei...

TENENTE (*voltando*)
Solto será !

MILOCA

O meu Juca vae ser solto
Deixar vae esta prisão,
Oh ! Dio, que jubilo
Eu sinto no coração.

TENENTE
Que imzorta agora o Juca !
Cumprio-se a nossa sina,
Vem meu bem comigo
Beber um pouco de Hesperedina.

Fim do 1º quadro

Quadro II.

Interior do xadrez, sala espaçosa. A um canto da scena uma esteira.

SCENA I

A VIUVA *deitada na esteira* e JUCA *de cocaras ao pé della.*

JUCA

Então Vince. não dorme ?

VIUVA

Póde-se lá dormir aqui !.. Tenho estado a cochilar, mas as pulgas e os percevejos não me deixam adormecer. Oh ! horrivel existencia !

JUCA

Parece-me que, a humidade a constipou... e a mim tambem. (*Espirram os dous. Os urbanos, fóra, dizem em côro :— Dominus tecum.*)

VIUVA

Mostra a educação que recebeste ; agradece a essa gente.

JUCA (*indo á porta*)

Muito obrigado. (*Os urbanos respondem :— Amen.*)

VIUVA

As forças me abandonam.... sinto a alma fugir-me pouco a pouco com as recordações do passado ! E' bom recordar o passado, filho, não achas ?

JUCA

Acho bom, mas moro longe.

VIUVA

Que boas noites passámos nós lá no morro do Nheco, quando, sentada ao luar, te ouvia cantar o Trovador.... Ah ! como eu tenho saudade dos nossos passeios ao Campo, a tirar sortes nas barraquinhas... das festas de Paquetá... dos jantares á sombra das mangueiras, d'onde sahiamos entre a

quarta e a meia partida, e, finalmente, dos cavallinhos de pão, onde tantas vezes enfei a argolinha!

JUCA

E eu, oh, mãe! Que noites não passei nas praias de Maria-angú, comendo sardinhas e pimentões, e toda a troça armada de flauta, cavaquinho e violões! Que pândegas, minha mãe! que pândegas!

VIUVA

Quando tornarei a ouvir prégar o padre Lacerda na igreja dos Barbadinhos.... a saborear os magníficos e succulentos sermões, que nos trazem a paz á alma, e nos dão a fé que abala as montanhas?..

JUCA

Quando tornarei eu a vestir a minha camisa bordada e as minhas botinas com botões?..

VIUVA

Estas recordações fazem-me somno... não posso resistir a tão violentos abalos,

JUCA

O somno, oh, mãe, refresca as idéas... durma, durma sobre o caso.

VIUVA

Estou com somno neste momento
Eu tudo varro do pensamento!
Ai não me accordes! Descançar quero
Das mil fadigas de um tal viver!

JUCA

Repousa oh! mãe! eu cá te espero
Em paz tu podes adormecer!

VIUVA

A' nossa casa nós voltaremos
E muito nikel fabricaremos!
Eu te ouvirei e tu cantarás
Lá a noite de... ..!

JUCA

A triste historia contar-me-has,
Do Zé Fagundes de Badaró!

(A viuva adormece).

SCENA II

OS MESMOS, MILOCA, depois o TENENTE

JUCA (*ouvindo*)

Que rumor é este? Alguem virá perturbar o
somno da innocencia?

MILOCA (*entrando*)

Sou eu! Consegui a cousa... agora safa-te, estás
livre.

JUCA

E foi com metaphoras?

MILOCA

Quasi...

JUCA (*desesperado*)

Quasi!? Oh! mulher! mulher! que mixto hor-
rendo és tu na terra!...

MILOCA

Venho p'ro soltar e o bruto berra!

JUCA

Mas conta-me o que fizeste... como pudeste con-
seguir... a que preço?

Porque não fallas? estou tremendo!

Escorregas-te!... entendo! entendo!

Mulher infame, o que fizeste

Das falsas juras de tanto amor?

MILOCA

Cega-te a raiva, ai! és injusto,

Ceguei ao fim, mas com que custo!

Cumpri á risca o que quizeste

Raspa-te agora... vai... por favor...

VIUVA (*dormindo*)

A' nossa casa nós voltaremos

E muito nikel fabricaremos!

Eu te ouvirei, tu cantarás
Irá a noite d'um somno só!

JUCA

A senhora não sabe o mal que fez... Quem
uma vez desencarrilhou, desencarrilha sempre!

MILOCA

Enganas-te, eu não desencarrilhei. Comi a ba-
nana, a indigestão está proxima!

JUCA

Comeste! Desgraçada! pois não te lembrás que
o Dr. Freitas te disse que no dia em que comesses
uma banana estavas morta?...

MILOCA

Lembra-me, e foi por isso mesmo que a chu-
chei... Quiz vir morrer ao pé de ti, em teus
braços...

JUCA

E eu accusava este anjo... Comeu a banana por
minha causa!

MILOCA (*apalpando a barriga*)

A hora se aproxima... Ai! ahí começam as
dôres!...

JUCA

Coragem! coragem! Isso dura pouco.... Vou
chamar o medico... (*Quer sakir, Miloca agarra-o*).

MITOCA

Não, fica... não me deixes só... ai! neste mo-
mento... a morte se aproxima...

JUCA (*desesperado*)

Não, não has de morrer!

MILOCA

Ai! que dôres... nunca pensei... que a morte...
custasse tanto... (*Canta*).

Prim... che... d'altri vivere...
Io... voſſi... tua... morir...

(Morre).

JUCA

Morreu bonito, morreu em italiano... como a Ristori!

TENENTE (*Entrando com uma enorme peça d'artilharia debaixo do braço*)

Ouvi tudo e vou vingar-me! assim não poderás fugir-me. Canhão Armstrong alcança tres milhas.

JUCA

Póde matar-me, já nada me prende á vida.

(*O tenente colloca a peça em cima de um banco, faz tranquillamente a pontaria e tira uma caixa de phosphoros do bolso, accende um, e chega fogo a peça. O bûmbo da orchestra dá uma forte pancoda e Juca eae morto*).

VIUVA (*accordando sobresaltada*)

Já o tiro de peça! Vou acertar o relógio. (*Quando procura o relógio, vê Juca e Miloca mortos*). O que é isto?

TENENTE (*tranquilamente apontando Miloca*)

Matou-se! (*Apontando Juca*) Matei-o!

VIUVA

Desgraçado! o que fizeste! mataste teu irmão!

TENENTE (*horrorisado*)

Meu irmão!

VIUVA

Sim, elle era o outro filho do velho Badaró!
Agora, por piedade, mata-me tambem!

TENENTE

Pois sim! (*Faz o mesmo que a Juca e a viuva morre.—Canta*)

Ei i qual horror!

Fim do 2º quadro

QUADRO III

Um jardim.

A VIUVA, MILOCA e JUCA deitados, o TENENTE e depois grande numero de homens e mulheres invade a scena.

(Ouve-se um cacancan em sordina)

TENENTE

Mas que ouço! E' uma troça que se approxima!
E n'uma situação tão séria!

(Levantam-se Juca, Viuxa e Miloca .Reconhecimento geral. Entram todos).

JUCA

Oh! Offenbach! Offenbach, que poder. é o teu,
que até resuscitas os mortos!

TENENTE *(para todos)*

Já d'aqui ninguem sae! Convido-os a todos para
uma grande feijoada! Viva a pándega!

(Cancan desenfreado, cae o panno):

FIM

